

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE PSICOLOGIA

MARQUIDONES OGIVAL DE MORAIS FILHO

O DESVELAR DO SER EM GESTALT-TERAPIA

NATAL/RN

2017

MARQUIDONES OGIVAL DE MORAIS FILHO

O DESVELAR DO SER EM GESTALT-TERAPIA

Relatório final de estágio supervisionado
apresentado como requisito para obtenção
do título de psicólogo do Centro Universitário
do Rio Grande do Norte (UNI-RN).

Orientador(a): Prof(a). Me. Mariana Cela

NATAL/RN

2017

AGRADECIMENTO

À minha mãe, por ter acreditado em mim e aberto o caminho para ser psicólogo.

Ao professor Eudes Alencar que, sem saber, me tirou de muitos momentos de penumbra existencial.

A Ivanildo Soares, recepcionista das Clínicas Integradas, pelo auxílio prestativo nas atividades da clínica, que me possibilitaram as experiências que hoje acumulo.

Aos professores Carlos Henrique, Fernanda Gurgel, Narjara Macedo, José Eduardo e Everton Rocha que com um misto de paixão profissional, conhecimento, técnica e experiência me inspiraram a ser uma pessoa e profissional melhor a cada dia.

E aos meus amigos do grupo *Neuro-Human-Analysis* (Aline Dantas, Helington Costa e Josivan Teixeira), que me acompanharam em todo esse percurso de construção mútua de conhecimento, ética e profissionalismo.

RESUMO

Nas diversas civilizações ao longo da história, sempre houveram aqueles que se ocupavam do ato de refletir e estudar passado, presente e futuro das pessoas com quem dividiam espaço, assim como a realidade visível e invisível que os cercava. Deste modo, o autoconhecimento era um dos assuntos que mais chamavam a atenção por tratar do que se passava por trás do agir de homens e mulheres na sociedade. Evoluindo da Filosofia, surgiu, sobre diversas bases, a Psicologia, propondo estudar o comportamento dos seres humanos e dar-lhes soluções práticas para a vida. Descobriu-se, com o tempo, que tais soluções podiam surgir de diversas formas, tendo em vista a pluralidade e complexidade da mente humana, também chamada de subjetividade. Dentre as linhas teóricas da psicologia, uma das que chamou atenção do mundo foi a chamada “terceira força”. Nesta perspectiva, carregando consigo princípios humanistas, existenciais e fenomenológicos, encontramos a Gestalt-terapia que busca fazer o indivíduo olhar dentro de si e se permitir crescer de dentro para fora. Sob os auspícios desta linha e abordagem guiei meus atendimentos nas Clínicas Integradas do UNIRN. Destes atendimentos, selecionei Black, um rapaz de dezesseis anos, para ilustrar, em um estudo de caso, como se dá a aplicação da Gestalt-terapia na prática psicoterapêutica. Nestes, observou-se uma evolução significativa da percepção de si e de mundo, a partir de reflexões e experimento, realizados durante os atendimentos.

Palavras-chave: Psicologia, Gestalt-terapia, Autoconhecimento

ABSTRACT

In spaces occupied by civilizations there were always those who were engaged in reflecting and studying past, present and future of the people with whom they shared space, as well as the visible and invisible reality that surrounded them. In this way, self-knowledge was one of the subjects that most attracted attention by dealing with what was happening behind the actions of men and women in society. Evolving from Philosophy, Psychology emerged on several bases, proposing to study the behavior of human beings and giving them practical solutions to life. It was discovered over time that such solutions could arise in a variety of ways in view of the plurality and complexity of the human mind, also called subjectivity. Among the theoretical lines of psychology, one of those that called attention to the world was the so-called "third force". In this perspective, based on humanistic, existential and phenomenological principles, we have the Gestalt-therapy seeks to make the individual look within and allow himself to grow from within out. Under the auspices of this line and approach I guided my care at the Integrated Clinics of UNIRN. From this experience, I selected Black, a sixteen-year-old boy, to illustrate, in a case study, how the application of Gestalt-therapy in psychotherapeutic practice occurs. In these, a significant evolution was observed about the perception of self and of the world, based on reflections and experiments, performed during the sessions.

Key words: Psychology, Gestalt-therapy, Self-knowledge

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1 HUMANISMO	7
2.2 EXISTENCIALISMO	9
2.3 FENOMENOLOGIA	13
2.4 GESTALT-TERAPIA	14
2.4.1 Awareness	15
2.4.2 Ajustamento Criativo	15
2.4.3 Auto-regulação Organísmica	15
2.4.4 Figura-Fundo e Figura e Fundo	16
2.4.5 Campo	16
2.4.6 Experimento	17
2.4.7 Cuidado	17
2.4.8 Diálogo	18
2.4.9 Mudança Paradoxal	18
2.4.10 Gestalt	19
3 ESTUDO DE CASO	20
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO	20
3.2 APRESENTAÇÃO DE BLACK	21
3.3 DESENVOLVIMENTO DO CASO	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXO	28

1 INTRODUÇÃO

Desde a Grécia antiga, quando surgiu a máxima “Conhece-te a ti mesmo”, no Oráculo de Delfos, percebe-se um anseio pelo autoconhecimento, sendo este norteador das descobertas de si e do próximo. A evolução deste, e de outros, pensamentos culminaram na psicologia como a conhecemos hoje. Em sua pluralidade e, ainda assim, singularidade, devido ao anseio comum de compreender e apreender o ser humano.

A presente produção tem por fim contribuir com a compreensão, através da base teórica da Gestalt-terapia, de um caso atendido no estágio obrigatório do curso de psicologia, que foi escolhido para ser analisado por este conjunto de doutrinas, filosofias e teorias, e foi acompanhado no espaço clínico do UNI-RN.

Os atendimentos se dão nas Clínicas Integradas do Centro Universitário do Rio Grande do Norte. Espaço no qual, além dos atendimentos em psicoterapia, realizo plantões semanais onde disponibilizo atendimento para a comunidade. Estes atendimentos são guiados pela Gestalt-terapia e supervisionados pela Professora Ms. Mariana Cela. O espaço clínico conta com a coordenadora e professora Geórgia Baeta e um corpo de funcionários para atender as necessidades dos alunos e tomadores dos serviços.

Tendo em vista a base teórica utilizada e a forma como os atendimentos foram realizados, observou-se que o cliente escolhido para compor as páginas deste estudo de caso tomou consciência de seus atos, apropriando-se de si e de sua vida. Os procedimentos realizados, buscaram trazê-lo para o presente, percebendo-se, fazendo-o autêntico em seus respectivos sentir e agir.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HUMANISMO

Nascido com a transição da Idade Média para o Renascimento, o Humanismo surge como um movimento de retomada de valores éticos e estéticos da antiguidade clássica. Enquanto o período anterior foi marcado por forte misticismo e centralização em Deus, deixando o ser humano em segundo plano, as ideias humanistas buscaram voltar a atenção para as potencialidades humanas (ERTHAL, 2004).

Trazendo a possibilidade de um pensamento independente, além de supor que poder-se-ia haver mais de uma opinião sobre uma coisa, os humanistas, representados por, entre outros autores, Erasmo de Roterdã, valorizavam significativamente o livre-arbítrio (BUROW & SCHERPP, 1985). Ainda segundo estes autores, Burow e Scherpp (1985, p. 46), para os humanistas “o ser humano é ativo e positivo, vive conscientemente a sua existência.”.

Percebe-se que o Humanismo traz a reflexão que o controle da vida dos indivíduos podia pertencer a estes, visto serem estes plenamente capazes de se realizarem. Apesar de não poder afirmar que houve uma inversão de valores na época, em virtude da supervalorização da imagem divina na Idade Média, o Renascimento foi um período de transição onde ideias como as do Humanismo começariam a germinar para, mais tarde, desdobrarem-se em ideias similares.

Há no humanismo renascentista uma retomada de valores da antiguidade clássica. Podemos considerar que houveram diversos tipos de humanismo. O antigo (grego e romano), que falava de valores estéticos e morais que enalteciam o homem; o cristão, que valorizava o homem enquanto pessoa; e o moderno, advindo de autores como Descartes, Kant e Hegel, que se ancora na subjetividade e parte para conceitos como liberdade, razão, respeito e dignidade (ERTHAL, 2004).

Nos anos subsequentes, outros autores surgiram com ideias complementares para o Humanismo, o que o fez não ter um ou um grupo de autores chave. Porém, independente da variedade de ideias, estas convergem na valorização e dignificação da pessoa enquanto tal (BUROW & SCHERPP, 1985; ERTHAL, 2004).

A psicologia humanista surge como movimento de resistência e contraponto à psicologia behaviorista, por seu determinismo, e à psicanálise, por sua ortodoxia. Apesar de ser uma proposta à psicologia, não segue uma linearidade de pensamento, baseando-se em diversos autores e tendo como contribuintes A. Meyer, Bertalanffy, Kurt Lewin, Abraham Maslow e Carl Rogers, além do movimento gestaltista (BUROW & SCHERPP, 1985; ERTHAL, 2004).

No que tange ao seu fazer, a psicologia humanista, segundo Matson apud Erthal (1985, p. 54), “não é apenas o estudo do ser humano; é compromisso com o devir humano.”. Ideias estas que entrarão em consenso com as do existencialismo e Gestalt, levando estas linhas da psicologia a conversarem entre si, tendo em vista suas perspectivas sobre a visão do ser humano.

2.2 EXISTENCIALISMO

O existencialismo é uma doutrina filosófica que se fundamenta em ideias advindas da Grécia antiga, em Sócrates, passando por Aristóteles, Descartes e Voltaire. Penha (1982, p. 11) nos dirá que esta é uma doutrina “que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto.”. Ou seja, uma doutrina centrada no ser e no seu agir no mundo, limitado pelas barreiras naturais e artificiais, focando no que tange às suas capacidades.

Esta é uma doutrina, também chamada de filosofia da existência, que levantará a distinção entre Existência e Essência. Sendo a segunda advinda do verbo Ser e a primeira significando “sair de um domínio”, “mostrar-se”, ou seja, movimento para fora (EWALD, 2008). Deste modo, segundo Sartre (1970, p. 4) “O homem (...) não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo.”.

Por considerar o ser humano o centro de suas reflexões, o existencialismo é tido como uma filosofia humanista, tomando por base o ser individual, sua existência subjetiva. O homem não pode ser medido por escalas objetivas, sendo ele a própria medida de si. Sendo assim, o método utilizado pelos existencialistas e pensadores da filosofia da existência é a fenomenologia (BUROW; SCHERPP, 1985).

Considera-se que um importante precursor do existencialismo tenha sido Soren Kierkegaard, um pastor luterano que inspirou sua filosofia em suas experiências e como expressão de sua vida. Esta, a filosofia, é marcada pela sua oposição à visão de Hegel e sua dialética, que pregava indiferença à existência do indivíduo. Opondo-se, também, ao racionalismo de Descartes, dirá que pensar não é existir, sendo correto dizer “sinto, portanto existo”. Sendo a *escolha* um dos pontos centrais da sua obra (ERTHAL, 2004).

Sua visão de existência humana era marcada por três estágios: estético, ético e religioso. O primeiro caracterizado por impulsos, atualização transitória e ausência de realização plena; o que leva o indivíduo ao segundo, limitado pelo social, mas marcado pelo arrependimento que, segundo Kierkegaard, leva a uma contradição ética; entrando em cena o terceiro estágio, onde suas escolhas independem de impulsos ou racionalizações e, apesar de ainda haver desespero e ansiedade, a

relação com o Absoluto justifica a existência que almeja. Pois, segundo sua visão, a fé a tudo supera, até mesmo a razão e a moral (ERTHAL, 2004; PENHA, 1982).

Apesar de ser precursor do pensamento existencialista, Kierkegaard observa o homem enquanto passível de influências concretas, sendo estas sujeitas a transições sistemáticas, que podem ou não ocorrer, mas que se dão como um virar de página. Por fim, ao assumir a moral e mística cristã como norteadora da vida, com o estágio religioso, e todas as suas características místicas enquanto norteadoras, vemos o distanciamento dos seus sucessores, inclinados ao niilismo de Nietzsche, discordaram de sua visão, mas refinassem sua ideia.

Como elo entre o existencialismo de Kierkegaard e a fenomenologia de Husserl, surge Martin Heidegger, criador do existencialismo alemão moderno. Partindo de uma análise ôntica (o ser concreto) e ontológica (o ser em geral), Heidegger se utilizará de todo recurso linguístico alemão para discorrer a respeito de suas ideias. O que justifica a dificuldade de muitos em compreendê-lo (ERTHAL, 2004).

Heidegger dirá, segundo Angerami (2007, p. 14), que “O ser que existe é o homem. Só o homem existe. As pedras são, mas não existem. As árvores são, mas não existem. (...). Os anjos são, mas não existem. Deus é, mas não existe”. Compreende-se, pois, que a consciência torna o homem diferente dos demais seres vivos e presentes no mundo. Definindo o ser do homem enquanto *Dasein* (ente ou Ser-aí), ou seja, um ser lançado no mundo, responsável por seus atos e ao sabor de suas escolhas. Desta leitura surge a expressão ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*). Determinação que elucida sofrimento e desespero em decorrência de sua percepção enquanto livre e responsável por suas escolhas (ANGERAMI, 2007; ERTHAL, 2004).

A chamada “existência autêntica”, desconsiderando fatores externos, que lhe impedem a autenticidade, é o que diferencia o humano do não-humano; o ser que existe do que apenas é. Fato este que realça sua angústia perante a existência. Deste modo, Heidegger dirá que dois aspectos de inautenticidade permeiam o *Dasein*: o subjetivo, no qual há o abandono de si em prol do coletivo, buscando reduzir sua responsabilidade perante a existência; e o objetivo, no qual, através do trabalho, busca-se uma diluição de si (ERTHAL, 2004).

Antes de pôr fim neste espaço destinado a Heidegger e sua obra filosófica, cabe levantar algumas reflexões sobre a morte, tema tratado por Heidegger que, diferentemente de Sartre, lhe dá especial atenção. Segundo Penha (1982, p. 35),

Heidegger compreende que a morte “é a última situação-limite do homem. O *Dasein* é um Ser-para-o-fim (*Sein-zum-Ende*), fundamentalmente um Ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*).”.

A morte, apesar de pôr fim ao projeto do homem, não liquida sua existência, que, assim como sua consciência, é transcendental. E afirma que ao lidar com a angústia da morte, tratando-a como um acontecimento da vida, atinge-se uma vida autêntica (ANGERAMI, 2007; ERTHAL, 2004).

Entramos, então, naquele que é considerado o principal expoente do existencialismo: Jean Paul-Sartre. Que estudando as filosofias de Heidegger, Jaspers, Kierkegaard e a fenomenologia de Husserl, elaborou sua própria filosofia existencialista. Esta surge sobre três pilares: o materialismo dialético de Marx, a fenomenologia de Husserl e o existencialismo de Heidegger (ERTHAL, 2004).

É ele quem dirá que o homem é um projeto de si na medida em que se realiza, assim como é um conjunto de seus atos, e que destes se constitui sua vida. Sartre compreendia a consciência como intencional, e se utilizava do método fenomenológico, cunhado por Husserl, para apreender e compreender o homem (DARTIGUES, 1973; ERTHAL, 2004).

Sartre afirma que a consciência sempre será consciência-de-algo, mas para que esta atinja algo precisa abranger o que chama de *nada*, ou o não-ser. A nadificação das coisas é a negação delas, mas para fazê-lo o ser precisa da imaginação, sendo a constituição desta de autoria do próprio ser. Para que tome consciência das coisas, e/ou de si, Sartre nos diz que há dois níveis de consciência: o irreflexivo, que não depende do conteúdo psíquico do eu; e o reflexivo, que é a consciência da consciência do objeto (ERTHAL, 2004).

Como já fora afirmado anteriormente, o homem constitui-se na medida de seus atos, e tem seu projeto formado através deles. Por ser totalmente livre, é responsável pelo que faz e esta liberdade justifica seus valores, sendo incongruente responsabilizar outros pelas suas ações. Sartre afirma que mesmo quando escolhemos não escolher, ainda assim estamos escolhendo, pois não é possível livrar-se da responsabilidade de escolha, estando o homem condenado a ser livre (ERTHAL, 2004; PENHA, 1982; SARTRE, 1970).

Para concluir o raciocínio acerca da liberdade do homem, cabe citar *A Náusea* (1938), livro de Sartre e uma das obras que o tornou conhecido. Nela ele nos fala que o ser nota que não há justificativa para sua existência, amedrontando-

se diante da liberdade que tal descoberta lhe causa. Mas para a consciência desta liberdade há barreiras, sejam elas temporais, espaciais e a má-fé. Por má-fé, Erthal (2004, p. 49), dirá que nesta “o indivíduo finge escolher, numa tentativa de evitar sentir a angústia da liberdade.”. Ou seja, permite-se pensar que suas escolhas são guiadas por forças externas, físicas ou metafísicas, ou internas e incontroláveis.

Ainda sobre o pensamento sartreano, cabe trazer mais dois conceitos. Um deles é uma estrutura importante para a consciência, que é o ser-para-o-outro, sobre o qual Erthal (2004, p. 49) dirá “O meu corpo me põe em contato com outrem e me faz ver como sou percebido por ele. Minha consciência apenas se revela a partir da relação que mantém com outras consciências.”. A despeito da má-fé guiar a consciência ao pensamento de que esta é direcionada por outras forças que não esta mesma, o contato com o *outro* é essencial para que possa constituir-se. Para que o ser possa constituir sua consciência de si e, conseqüentemente, dar-se conta de sua liberdade, faz-se necessária a consciência de que há outros como ele.

O outro conceito é o ser-em-si, sobre o qual Erthal (2004, p. 49-50) discorrerá

Sartre diz que tentamos nos transformar exatamente naquilo como aparecemos para o outro. Se existe censura, sou objeto de reprovação; se existe aprovação, torno-me objeto de admiração. Seja qual for o olhar, este me petrifica como coisa-em-si e paralisa meu devir. (...). A única defesa é inverter a situação: na preservação da minha liberdade, torno-o ser-em-si. É como se a liberdade de uma pessoa inibisse a outra. Essa é a essência das relações humanas: o conflito. Assim, sentindo-me existir, ou sendo objeto para o outro, experimento angústia, daí Sartre achar que o ser-com é gerador de conflito.

Neste sentido, cabe observar que a tomada de consciência de si enfrenta diversos obstáculos para sua realização ou desvelar. Se para preservar sua liberdade, o homem precisa inibir a de outrem, seria apenas no equilíbrio e compreensão destes conceitos na prática que este conseguiria tornar-se pleno em sua liberdade. Momento no qual tornar-se-á atuante sobre o mundo e a progressão ontológica, mas sem que este atue sobre si.

2.3 FENOMENOLOGIA

Falar sobre fenomenologia dissociada do existencialismo é quase impossível, visto que a primeira é a epistemologia que permite a pesquisa e o conhecimento da realidade baseada na ontologia existencialista. Seu precursor, inspirado nas ideias de intencionalidade do psicólogo e filósofo Franz Brentano, é Edmund Husserl, que falará sobre sua atuação na fenomenologia em sua obra *Intenções Lógicas* (1900). Ele fala que esta, a fenomenologia, é uma tentativa de analisar o fenômeno enquanto tal, deixando de lado todas as preconcepções e conhecimento de mundo. Deste modo, ela não pode ser encarada como uma teoria, mas uma forma de aproximar-se do fenômeno na forma como este se apresenta (ANGERAMI, 2007; SAPIENZA, 2012).

Na discussão a respeito da essência das coisas, quando estendida às pessoas, negar-se-á a possibilidade de haver uma essência por trás do fenômeno que não seja em decorrência da existência do ser. Havendo, portanto, um ser por trás do fenômeno, ele se torna algo, não podendo ser nada. Sendo assim, faz-se necessário que haja algo que impulse a observação do fenômeno, que será a percepção do fato, pois, sendo o fenômeno materialmente perceptível, pode este ser identificado (ANGERAMI, 2007; DARTIGUES, 1973; PENHA, 1982).

Para que se possa compreender o método fenomenológico, faz-se necessário entender que este é composto por ideias que o guiam. Uma destas é a de análise intencional que, segundo Angerami (2007, p. 77) “(...) conduz à ‘redução fenomenológica’, ou à colocação da realidade entre parênteses tal como a concebe o senso comum (...)”. Sendo este “colocar entre parênteses”, o chamado *epoché*, no qual a pessoa que a pratica suspende todas as suas concepções e preconcepções a respeito do mundo para apreender única e exclusivamente o fenômeno que se mostra à sua frente (CERBONE, 2012).

Como foi explicitado anteriormente, um dos pilares do existencialismo moderno é a fenomenologia, sendo, portanto, difícil falar de um sem citar o outro em algum momento. Deste modo, chegamos mais uma vez ao pensamento de Sartre que, com base no método fenomenológico, afirmará que a existência se define em duas categorias: o em-si e o para-si. Sendo a primeira referente aos objetos e a segunda ao mundo da consciência. Como contrapartida ao ser-em-si, surge o ser-para-si, que é aquele que tem consciência de si. Ele também identificará que o homem, graças a sua forma de atuar e ser, é transcendente, pois seus atos

ultrapassam a barreira de seu corpo e do tempo, afetando o espaço e tempo à sua volta (ANGERAMI, 2007).

Sendo assim, cabe mencionar, aqui, Dartigues (1973, p. 29), afirmando que

A tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo. Trata-se, para empregar uma metáfora aproximativa, de distender o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios, que são de uma extraordinária complexidade e de uma arânea fineza.

Para encerrar este raciocínio, voltamos a Heidegger, que também terá participação na construção da fenomenologia quando diz que não se pode excluir a percepção do que é alheio ao fenômeno, pois isto empobreceria sua captação e, até mesmo, a impossibilitaria, devido ao processo de redução fenomenológica se dar pela presença de concepções externas. Pois, considerando que o profissional que acolhe pertence e atua no mesmo mundo que o acolhido, este necessitará do conhecimento adquirido nesta realidade para, pelo menos, entender e poder, assim, apreender aquilo que seu cliente lhe traz. (ANGERAMI, 2007).

Fica evidente, portanto, a importância da fenomenologia para o processo de compreensão do ser, ou *Dasein*, quando se nota que toda leitura que se faz deste visa apreender o que se fez de, para e a partir de si no presente. Ou seja, alcançar uma compreensão *a priori* do ser, independente da experiência efetiva, mas sem abandonar a intuição (DARTIGUES, 1973). Portanto, a afirmação de Sapienza (2004, p. 54) é pertinente quando fala que, apesar desta não ser uma técnica definida e padronizada, esta “é uma fenomenologia da existência, e isso é terapêutico.”.

2.4 GESTALT-TERAPIA

A Gestalt-terapia foi construída sobre um conjunto de bases teóricas e práticas similares e, ao mesmo tempo, distintas que a torna única entre as demais abordagens da psicologia. São elas: a Psicologia da Gestalt, a Teoria de Campo e a Teoria Holística, enquanto teorias de base; o Humanismo, o Existencialismo e a Fenomenologia, enquanto filosofias de base; e a prática clínica enquanto portadora de norteadores da chamada Clínica Gestáltica (RIBEIRO, 2016).

Para melhor compreensão do que se pretende trabalhar na clínica sob a égide da Gestalt-terapia, faz-se necessário conhecer alguns dos conceitos que norteiam os atendimentos.

2.4.1 Awareness

Awareness é a tomada de consciência da própria consciência. Ela se dá quando percepção, emoção e sentimentos agem em conjunto para que se possa perceber algo captado pela consciência de forma ativa. Se trata de uma redução transcendental, na qual o ser se percebe único e consegue olhar para dentro. Durante o processo terapêutico, há momentos em que o paciente tem consciência e reconhece o caminho que deve trilhar, mas não sabe como fazê-lo, com o auxílio do terapeuta pode chegar a este que é um momento de iluminação pessoal, que não pode ser encomendado e pode ocorrer por acaso durante a terapia (RIBEIRO, 2016).

2.4.2 Ajustamento Criativo

Enquanto seres de relação habitando campos diversos, os humanos, nestas relações, precisam ajustar-se diante dos encontros entre si e consigo. Estar saudável é estar atento às relações parte-todo, figura-fundo, dentro-fora, sendo a doença uma consequência da ruptura dessas relações naturais. Logo, ajustar-se significa usar soluções antigas disponíveis no organismo, buscar novas ou permitir ao organismo encontra-las no contato corpo-meio ambiente para que possa, assim, tornar-se viável. Na terapia, cliente e terapeuta precisam estar ajustados criativamente entre si para que este processo, e o Awareness, se dê (RIBEIRO, 2016).

2.4.3 Auto-regulação Organísmica

Entre a impermanência e a interdependência que permeiam o macroinstinto presentes no universo está a tendência a auto-regular-se, que abrange todos os seres, e que pode ser definido como o instinto de autopreservação. No entanto, Ribeiro (2016, p. 55) dirá que “Nenhum ser se auto-regula sozinho ou a partir de si

mesmo e, embora se diga auto-regulação, todos os seres se auto-regulam no mundo e por meio dele, pois, quando nada, o ar que respiramos nos vem de fora.”. Na relação com o cliente, o processo de auto-regulação pode passar sem ser percebido, devido à sua característica instintiva. Portanto o exercício do tomar-se conta de si e seus processos é essencial ao cliente que deseja tomar controle sobre a própria vida (RIBEIRO, 2016).

2.4.4 Figura-Fundo e Figura e Fundo

A despeito da distinção Figura/Fundo, ambos são percebidos como integrantes de uma mesma imagem, que é a realidade da pessoa que busca terapia. Na situação de Figura-Fundo, há pouca reciprocidade e não há distinção do que é Figura e do que é Fundo, nesta relação, objeto e sujeito se incluem reciprocamente. Já na cena do Figura e Fundo, ambos se complementam em relação ao todo, mas do ponto de vista da percepção, ou se vê um, ou se vê o outro, estando o que está em evidência, claro, e o outro, desfocado. Aqui, Figura e Fundo são processos que alternam-se na vida das pessoas e que podem ser trabalhados em terapia no sentido de serem percebidos em sua totalidade, ou que a parte que não esteja em evidência, torne-se. Mais uma vez vemos que a tomada de consciência advinda deste processo depende da relação entre terapeuta-cliente (RIBEIRO, 2016).

2.4.5 Campo

O campo tem sua definição cunhada por Kurt Lewin em sua “Teoria de Campo” da qual fala Lewin (apud Ribeiro, 2016, p. 83)

Denominamos campo a uma totalidade de fatos existentes que são concebidos como mutuamente interdependentes (...). O método deve ser analítico, isto é, deve distinguir especificamente as diferentes palavras que influenciam o comportamento (...). O conceito de campo psicológico como um determinante de comportamento supõe que tudo o que afeta o comportamento num determinado tempo deveria ser apresentado no campo existente naquele momento, e são partes de um campo presente só aqueles fatos que podem influir no comportamento.

Portanto, considerando que este campo é subjetivo em sua essência e excluído de passado e futuro. Logo, a Teoria de Campo pode ser usada como método para analisar relações causais, assim como o sentido das coisas, que reside em sua totalidade. No espaço terapêutico, paciente e terapeuta formam um campo,

de modo que este pode vir a ser benéfico para o cliente, quando bem construído na relação terapêutica (RIBEIRO, 2016; RIBEIRO, 1995).

2.4.6 Experimento

O Experimento é uma possibilidade de intervenção da Gestalt-terapia, que dá ao terapeuta permissão para ser criativo. Através do experimento a pessoa é levada a confrontar emergências de sua vida, podendo, por exemplo representar seu sentimentos e ações abortadas, mas em situação de relativa segurança por estar sendo executado no *setting* terapêutico. Entre os objetivos do experimento estão: expandir seu repertório de condutas; permitir que a pessoa enxergue sua vida como criação dela; incentivar a aprendizagem experimental e a elaboração de novos conceitos de si a partir de criações no plano do comportamento; superar bloqueios e situações inacabadas ou em ciclo de consciência-excitação-contato; integrar compreensões intelectuais e expressões motoras; descobrir polarizações em si das quais não tem consciência; e, estimular a integração de forças pessoais em conflito (RIBEIRO, 2016).

Deve ficar claro, aqui, que o uso do experimento não se dá por meio de improvisos. O terapeuta deve estar ciente do que está fazendo e saber que está lidando com aspectos sutis e emoções e vivências do cliente. Da mesma forma que este deve estar de acordo e ciente do que está sendo feito. O Experimento não visa apenas experimentar algo, mas permitir ao cliente criar por uma via diferente (RIBEIRO, 2016).

2.4.7 Cuidado

Cuidar é olhar a pessoa em sua totalidade, respeitando seu espaço, seus limites e estender as mãos para esta ajudando-a onde não tem forças para continuar a caminhada pela vida. No entanto, para que este cuidado exista, é preciso que aquele que acolhe cuide-se e, neste processo, permita-se redescobrir a si mesmo e transformar-se. Não é possível cuidar do outro sem cuidar-se, mas é possível que este processo ocorra enquanto se cuida deste outro. Tendo em vista que a Gestalt é conhecida como a Terapia do Contato e que o cuidar é a essência do contato, pode-se definir a Gestalt como Terapia do Cuidado. Deste modo, o terapeuta é aquele que

cuida da pessoa e não da doença, tentando compreendê-la científica e tecnicamente, assim como descobrir o porquê dele não conseguir abandonar suas defesas. Quando o cliente percebe o terapeuta por inteiro com ele, começa a ver possibilidades e, por conseguinte, mudanças passam a ocorrer (RIBEIRO, 2016).

2.4.8 Diálogo

O diálogo é o encontro humano por meio da palavra, sendo esta a que permite que tal encontro, entre duas ou mais pessoas, ocorra. No diálogo interno há uma fala expressa sem sons entre interlocutores internos e, portanto, protegidos da censura externa. Neste diálogo ocorre a busca de melhores soluções por parte daquele que o realiza. Já no diálogo externo, que tem ligação íntima com os internos, e sejam, possivelmente, reflexos destes, as palavras emanam (RIBEIRO, 2016).

Para que um diálogo ocorra entre duas pessoas, não basta haver a comunicação entre elas, mas a aceitação das diferenças existentes. Não se trata de aceitar tudo que é dito, mas de aceitar que o outro tem o direito de ser diferente e, portanto, tornar-se igual por estar entre diferentes que se aceitam. Com base nesta aceitação ocorre o trabalho clínico, definido, também, pela capacidade do terapeuta de dialogar, ou seja, aceitar, com seu cliente. A qualidade deste encontro e, conseqüentemente, deste diálogo, dependerá da qualidade dos diálogos internos de ambos, terapeuta e cliente. Na medida em que o terapeuta emite, em gestos, olhares e em sua totalidade, sensibilidade para receber o outro, este cliente adquire sensibilidade para se auto-regular por intermédio do terapeuta. Este processo é chamado também de ajustamento criativo dialógico (RIBEIRO, 2016).

2.4.9 Mudança Paradoxal

Um paradoxo, segundo Kierkegaard (*apud* Ribeiro, 2016, p. 145) “é o que é contrário à opinião da maioria, ou seja, ao sistema de crenças comuns e a que se faz referência, ou contrário a princípios considerados sólidos (...)”. Portanto, Mudança Paradoxal é a possibilidade de fazer ocorrer uma mudança através de um paradoxo, ou pela criação de um paradoxo entre uma verdade velada, ainda não apreendida, e a certeza de alguém que pensa conhecer a verdade. Esta é uma

mudança que ocorre dentro do sujeito, que não duvida de suas verdades (RIBEIRO, 2016).

A Mudança Paradoxal não é algo provocado, ela ocorre, mas em decorrência da ação indireta do terapeuta. Ao agir de maneira inversa do que se pretende, o psicoterapeuta provoca no cliente uma transformação que não depende, diretamente, do racional. Deste modo, a pessoa pensará seguir um caminho que não irá leva-la onde quer chegar, mas que termina por atingir este objetivo (RIBEIRO, 2016)

2.4.10 Gestalt

Gestalt, segundo Ribeiro (2016, p. 137) é “uma totalidade fenomênica, uma configuração de partes em inter e em intra-relação, formando uma unidade de sentido. Gestalt é uma unidade de sentido, um fenômeno (...)”. portanto, Gestalt é algo que acontece entre a realidade externa e a consciência. Assim, Gestalt é um arranjo equilibrado de elementos com a finalidade de operar como um todo ou sistema. Quando há rompimento, material ou psicológico, rompe-se, também, o significado unificador e saudável da totalidade e a Gestalt se desconfigura (RIBEIRO, 2016).

Fazer Gestalt não é se apropriar de acontecimentos passados que causam sofrimento e tentar saná-los, mas permitir ao sujeito que, a partir destes, flua um novo ser que mora dentro de si, deixando de lado impressões antigas e passadas, dando lugar ao novo. Gestalt é uma redução fenomenológica da totalidade de todos os conceitos estudados por esta. O cliente é uma figura que emana de um fundo, sendo este o mundo no qual está imersa (RIBEIRO, 2016).

Quando se define a Gestalt-terapia, Ribeiro (2016, p. 140) dirá que esta ocorre “como um processo em ação no mundo, dizemos que a pessoa humana, o objeto de nossa ação se rompeu porque perdeu sua unidade de sentido, sua totalidade conceitual e funcional, que é uma configuração de partes (...)”. Partes estas que assumem esta mesma totalidade. Portanto, fazer terapia gestáltica é retornar a esta unidade original prazerosa e conscientemente, no intuito de se tornar uma totalidade viva e operante (RIBEIRO, 2016).

3 ESTUDO DE CASO

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

O espaço da clínica é um ambiente onde o indivíduo encontra alento para as aflições do seu dia-a-dia. Nele, este viverá encontros autênticos com terapeutas que lhe farão encarar a si, podendo, assim, visualizar as facetas de sua psiquê que oculta de não apenas para si, mas para os outros. Na clínica, os profissionais e estudantes da psicologia atendem sem *a priori*, deixando de lado suas experiências pessoais para apreender o sujeito singular e integralmente.

Optei pela clínica por acreditar que esta é uma das bases do funcionamento da psicologia, apesar de sua pluralidade de campos de atuação. Compreendo que o fazer clínico se estende a outras áreas da psicologia e que o atendimento neste espaço além de ser enriquecedor profissionalmente, me permitirá perscrutar a subjetividade dos pacientes, contribuindo com suas respectivas caminhadas para seus objetivos neste espaço.

No que tange a abordagem teórica, optei pela Gestalt-terapia, não apenas pela sua visão de homem, mas também pela forma como fundamenta-se filosoficamente na Fenomenologia e Humanista-Existencial. Na Gestalt, o indivíduo é composto por tudo que viveu até aquele momento e pela realidade que o cerca, de modo que ele não pode ser observado como além ou aquém do mundo; paralelamente, busca-se compreender o fazer deste indivíduo em sua vida, assim como entender sua percepção, contribuindo para a transformação desta, na medida em que lhe traga alguma forma de sofrimento.

Na Gestalt-terapia, buscar-se-á compreender a forma como cada indivíduo apreende o mundo, como já citado, mas observando que este movimento acompanha seu fazer no mundo, transformando-o e fazendo-se transformar, de modo que isso construa um sentido para sua vida e conduza-o nela. No fazer clínico, o estudo destas linhas de pensamento e terapia contribuíram para que eu recebesse cada indivíduo como único, livre de preconceções que limitariam minha visão e, conseqüentemente, a psicoterapia.

3.2 APRESENTAÇÃO DE BLACK

Para dar forma a este relatório, faz-se necessária a escolha de um dos pacientes atendidos por mim nas Clínicas Integradas. Desta forma, entre os que atendi até o momento da produção desta etapa do relatório, optei por apresentar aqui, como caso, o garoto de dezesseis anos que chamarei de *Black*, no intuito de proteger sua identidade e manter sigilo sobre a origem das informações.

Antes de dar continuidade, quero apresentar o porquê deste pseudônimo e o porquê deste garoto em particular.

O uso do nome *Black* vem da série de TV japonesa *Kamen Rider Black RX*, exibida também no Brasil. Nela, o protagonista Kotaro Minami é um ciborgue, um ser de aparência humana, mas cujo interior é uma máquina, que luta contra a dominação do mundo por uma organização criminosa de outro mundo. Ao final da série *Kamen Rider Black* e no início da *Kamen Rider Black RX*, o protagonista se vê cercado por seus inimigos mais poderosos, é destituído de seus poderes e lançado no espaço, para morrer na imensidão e escuridão deste. No auge da cena, Kotaro vê a luz do sol e esta lhe causa uma reação estranha, que o faz brilhar e o joga contra a Terra. Lá chegando, seu corpo ainda está coberto de luz e, quando esta se dissipa, ele está revestido por uma nova armadura, que lhe concede o título de *Kamen Rider Black RX*, um herói ressuscitado e provido de novos poderes para continuar sua incessante batalha contra o mal.

Tal história me remeteu ao histórico do rapaz, que, também, se via cercado por forças maiores que a dele e o destituíam, com frequência, de possibilidades de luta e, conseqüentemente, desenvolvimento. Porém, durante o processo terapêutico, *Black* consegue livrar-se de obstáculos visíveis, mas, antes, intransponíveis para ele, e invisíveis, pois não sabia como enfrenta-los justamente por não os ver. Ficou evidente, também, como será visto no relato do caso, que esta nova postura assumida por ele reduziu barreiras que carregava consigo.

Dando início ao relato em si, comecei a ouvir sobre *Black* quando realizei uma anamnese com sua avó. Nesta, falou-me que o garoto vivia com ela. Sua mãe e pai se separaram quando tinha nove anos, e desde então não vê a figura paterna, enquanto sua mãe passou a viver com outro homem, com quem casou-se. A despeito da presença da mãe, enquanto parente próxima, esta não mantinha vínculo afetivo com *Black*, deixando-o com a avó, que terminou por adotá-lo, tendo em vista

os maus tratos que sofria por parte do padrasto, e até mesmo pela mãe, na forma de agressões verbais.

O fator motivador da busca por uma terapia para o rapaz era o fato de ter havido essa cisão brusca enquanto criança, além da ausência da figura materna e paterna desde então. A busca pela psicoterapia foi acordada entre ambos (*Black* e a avó) e, após este encontro, começaram meus encontros com *Black*. Foram, ao todo, cinco sessões, de um total de onze encontros e desencontros, contando com a anamnese, faltas (justificadas ou não) e o contato para o encerramento do processo terapêutico. A despeito da quantidade líquida de sessões a serem estudadas, este foi um caso muito emblemático na minha prática no Estágio Supervisionado. Vi o desenrolar de um processo gestáltico com *Black*, de forma clara e intensa, e irei mostra-lo aqui.

3.3 DESENVOLVIMENTO DO CASO

Quando chegou nas Clínicas Integradas, *Black* ainda se perguntava o porquê de estar ali, muito embora cogitasse ser devido à sua “vida sem pai e mãe”, assim como a ausência de uma relação “normal” com esta mãe, como se referiu ao relacionamento entre ele e ela. Avaliava sua vida como diferente das dos seus amigos e colegas. Sua realidade, desde criança, fora de certa hostilidade e opressão. Para além da relação ruim com a mãe, *Black* era exigido por seus demais parentes (incluindo sua avó) que fosse o “aluno nota 10”, devido a sua mãe e tias serem médicas.

Nos seus relatos, *Black* fala que se recorda de sempre ter tido uma relação ruim com a mãe. Esta lhe dirigia palavras ríspidas e agressões verbais. Quando tinha nove anos, seus pais se separaram. Desde então não tem ouvido sobre o pai, mas sabe, nas exigências da avó, que ele era alcoólatra e que, se não estudasse, terminaria como o pai. Sua mãe morou com a avó e ele até casar-se novamente, quando se mudou para outra residência, acima da casa de sua avó, mas deixando-o com ela.

Poucos anos após esta mudança, a mãe de *Black* teve outro filho, que recebeu uma criação baseada em agressões verbais e físicas. Esta criança, segundo *Black*, apresenta “problemas de comportamento” (sic) e foi deixada na casa da avó para morar junto com ele e ela, em um gesto similar ao que sua mãe fez com ele ao casar-se novamente.

Black descreve sua mãe como uma pessoa que sofre de estresse, mas justifica-o por ser uma pessoa muito atarefada e que trabalha muito. Devido ao fato de sua mãe e tias serem médicas, fora cobrado desde pequeno a ir bem na escola. Sua família usava este fato, e o relato de seu pai ser alcoólatra, como motivadores para lhe exigirem excelência nos estudos.

No que diz respeito ao relacionamento com sua avó, *Black* traz que ela lhe impunha as cobranças citadas. Fala dela como exigente e fechada ao diálogo, mas que mantinha contato constante com ele. Diferentemente da figura do avô, pessoa que pouco aparece em seus relatos, mas que está presente em sua vida, pois este não lhe dirige a palavra e age como se não existisse.

Apesar dos aspectos limitantes e presentes em seu cotidiano, sua auto-regulação, aparentemente, lhe proporcionava ajustamentos criativos à altura da situação que o cercava, permitindo-lhe viver em certo equilíbrio em relação a este. Entre os exemplos que me deu, *Black* afirmara reduzir suas respostas e interações com o meio hostil, no intuito de evitar desgaste e novas ações deste ambiente sobre ele.

Tal ajustamento lhe permitiu conviver com sua realidade até ela reduzir sua opressão sobre ele, na forma de reclamações da avó. Como forma de moldar este ambiente, buscava agradar as pessoas da sua família como forma de “dar ao mundo o carinho que não recebi” (sic). A despeito deste comportamento, questionava-se por toma-lo, o que foi motivo de reflexões, onde assumiu a posição de que não devia a um mundo, ou pessoas, que sempre fizeram pouco, ou nada, por ele.

Sua forma de ajustar-se a essa realidade, resistindo a ela isolando-se ou tentando fazer contato com o ambiente enquanto agente apaziguador, lhe permitiram vive-la criativamente.

Soube, por intermédio de *Black*, que este tinha um meio irmão mais novo, fruto do relacionamento de sua mãe com seu padrasto. A história desta criança confunde-se com a sua na medida em que recebeu similar atenção de sua mãe, ou seja, pouca. Divergindo no ponto em que costumava receber castigos físicos do padrasto com frequência. Tais similaridades com a própria história o fizeram adotar o garoto como seu irmão de fato, afirmando “amá-lo” (sic), pela forma como fora tratado e, por fim, deixado, como ele, com a avó, por sua mãe não querer cria-lo, assim como fez com *Black*. A despeito das constantes e injustificadas agressões

que sofria por parte deste meio irmão, *Black* ainda assumia uma postura de cuidador.

Enquanto vivia sua realidade familiar criativamente, *Black* tinha uma vida escolar conturbada por um passado marcado por um déficit na disciplina de Física nos primeiros anos do ensino médio; e um presente marcado pela ansiedade com a aproximação do ENEM e as dificuldades causadas pela noção de um diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), especificamente Déficit de Atenção (DA), lhe dado por um psiquiatra no início da adolescência.

Uma curiosidade que cabe ser citada neste ponto a de que, quando confrontado sobre os períodos em que o DA se mostrou mais presente, ficou evidenciado que a dificuldade ficou mais marcante após ouvir o diagnóstico. Antes disso, ele a sentia, mas em menor intensidade.

O momento que marcou o processo terapêutico com *Black*, e que o fez transformar-se, segundo minha observação, em *Black RX*, foi em nosso terceiro encontro. Neste, enquanto refletíamos a respeito de sua dificuldade com a dificuldade com a disciplina de Física, deparei-me com um limite no qual havia uma dissociação intensa entre Figura e Fundo, de modo que a percepção de si de *Black* estava totalmente obscurecida pelo que chamei de “quadro negro”. Posteriormente observamos que este quadro fora posto lá por ele mesmo, em um ato de má-fé.

Neste encontro conduzi um experimento, uma vivência. Convidei-lhe a fechar os olhos, relaxar o corpo e respirar profundamente por alguns minutos. Conduzi então um momento no qual *Black* buscava estudar Física, ao entrar em contato com seu material disponível. Ainda durante a vivência, lhe pedi que observasse seus sentimentos em cada ato realizado. No ato de pensar em estudar a disciplina, no de olhar a capa do material, no momento da busca do conteúdo a ser estudado e enquanto lia o assunto escolhido. Após este momento, que durou apenas alguns minutos, pedi que revisitasse mentalmente os momentos, acompanhados dos sentimentos eliciados, e me relatasse os mesmos.

Neste momento ficou claro que sua dificuldade em Física se dava devido a aulas ruins que recebera no primeiro e segundo ano do Ensino Médio. Fato este que lhe fizeram crer ter dificuldades de compreensão da disciplina, quando o fato desencadeador deste pensamento fora a ausência de professores para conduzi-la corretamente no passado. Assumiu, então, após refletirmos, que dispunha da capacidade de compreensão dos assuntos, visto que não sentia esta barreira para

todos os assuntos da disciplina. Neste momento, ficou claro que “quadro negro” havia sido posto por *Black* na frente de si devido a estas frustrações e que, através das reflexões proporcionadas pelo experimento e reflexões na sessão, ele tinha capacidade de removê-lo.

Ao final da sessão, senti *Black* em um momento de introspecção onde olhava para o chão pensativamente, como que atordoado, e que, quando interpelado sobre o que sentia, afirmara serem “muitas informações” (sic) para trabalhar. No encontro posterior pude constatar que aquele fora um momento de *Awareness*, no qual deu-se conta de que dispunha das ferramentas para enfrentar aquelas barreiras que, até então, julgara estarem além do seu alcance.

Deste momento até a próxima sessão passaram-se quinze dias, em virtude de atividades escolares. Ao retornar e conversarmos, constatei ter ocorrido uma Mudança Paradoxal em *Black*. Sua vida, como um todo, havia mudado. Não apenas sua relação com sua mãe e avó haviam melhorado, como também sua situação na escola estava melhorando também.

Suas notas nas disciplinas que sentia maior dificuldade aumentaram e o psiquiatra que o atendia dissera que seu DA havia retrocedido, saindo de um nível elevado para um mais moderado. Afirmou sentir estes efeitos no seu dia a dia. Disse também sentir como se, na época do atendimento, “o mar tempestuoso estivesse calmo” (sic). Não associou, *a priori*, tais eventos internos ao nosso encontro quinze dias antes, o que me leva a crer ter ocorrido uma Mudança Paradoxal. Pois, desde que o confrontara com o questionamento de como sentia seu DA antes e depois do diagnóstico, busquei trabalhar nele suas potencialidades, que se revelaram após o momento da vivência, que comparei com o vislumbrar do Sol por *Black*. Procurei não confrontá-lo no que dizia respeito a seu diagnóstico, sempre acolhendo-o em sua totalidade e respeitando o valor que dava ao que o psiquiatra dissera.

Após a sessão do experimento ainda tivemos mais dois encontros, nos quais trouxe-me novas questões que lhe afligiam. A que ocupou maior espaço foi o fato de ter sofrido uma redução nas notas de Redação, disciplina que dominava, enquanto, paralelamente, suas notas em Física aumentavam. Descobrimos, com pouco esforço, que sua dificuldade se dava em decorrência da ansiedade com o tempo que teria para dedicar à redação, no dia do ENEM.

Afirmo, portanto, que o despertar proporcionado pelo momento de *Awareness* no terceiro encontro foi um marco em nossos encontros, pois propiciou a *Black* uma

nova percepção a respeito de suas limitações. Isso somado aos demais acontecimentos em sua vida me levam a crer que a pessoa que deixou de ir à psicoterapia não era mais *Black* e sim *Black RX*, dotado de novas ferramentas para protagonizar sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo terapêutico em Gestalt-terapia dá-se por meio do encontro da pessoa consigo mesma através das ferramentas proporcionada pela base conceitual diversa desta forma de fazer psicologia. Após o estabelecimento de vínculo e relação de confiança entre terapeuta e cliente, ambos estão prontos para dar e receber elementos que lhes permitirão uma relação dialógica, da qual ambos poderão se beneficiar, mas, principalmente, o cliente, em virtude do preparo profissional do psicoterapeuta.

Foram levantados nestas páginas a estrutura necessária, em uma psicoterapia gestáltica, para o acolhimento e a realização de procedimentos empáticos e interventivos que permitirão ao cliente descobrir-se e crescer, enquanto sujeito. Da mesma forma, foi levantado um estudo de caso ilustrando este processo.

Entretanto, esta é apenas uma das muitas formas de agir sob a égide da Gestalt-terapia. Outros procedimentos podem ser adotados sob outras circunstâncias e com outras pessoas. As ferramentas e maneiras de agir do psicoterapeuta são diversas, mas o desvelar do ser, a despeito da variedade de pessoas no mundo, é único.

REFERÊNCIAS

- ANGERAMI, V. A. **Psicoterapia Existencial**. 4. ed. São Paulo: Thomson, 2007.
- BUROW, O.; SCHERPP, K. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ERTHAL, T. C. S. **Psicoterapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2004.
- EWALD, A. P. Fenomenologia e existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 149-165, 2008.
- DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- GINGER, S. **Gestalt: uma terapia de contato**. São Paulo: Summus, 1995.
- HEIDEGGER. **Os pensadores: Heidegger**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- NIETZSCHE, F. **O niilismo europeu**. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 249-255, jul./dez. 2013.
- PENHA, J. **O que é existencialismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016.
- _____. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 1985.
- SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: EDUC, 2004.
- SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. 1970.

ANEXO

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE PSICOLOGIA

PLANO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

MARQUIDONES OGIVAL DE MORAIS FILHO

NATAL/RN

2017

MARQUIDONES OGIVAL DE MORAIS FILHO

PLANO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Plano de estágio apresentado à coordenação do Estágio Supervisionado I, do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), orientado pela professora Mariana Cela.

NATAL/RN

2017

SUMÁRIO

1. Identificação.....	4
2. Objetivos	4
2.1. Objetivo Geral.....	4
2.2. Objetivos Específicos.....	4
3. Caracterização do campo de estágio.....	4
3.1. Descrição funcional do local de estágio	5
3.2. Descrição da equipe de trabalho	6
4. Atividades Propostas.....	6
5. Cronograma.....	7
6. Bibliografia.....	8

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome: Marquidones Ogival de Moraes Filho

1.2 Matrícula: 2013c020182

1.3 Área de estágio: Clínica

1.3.1 Sub-área: Psicologia Humanista-Existencial

1.4 Local do estágio: Clínicas Integradas de Saúde do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). Localizada na Rua Eliane Barros, 2000 – Tirol 59014-545, Natal/RN. Telefone 3215-2960. Funcionamento: segunda a sexta, das 7h30min às 21h.

1.5 Supervisor acadêmico: Mariana Cela – CRP 17/1955

2. OJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Apreender, compreender e aprimorar conhecimentos e práticas da psicologia clínica com o intuito de oferecer um serviço de qualidade nos contextos que envolvam clínica, plantão e demais áreas de atuação do profissional da psicologia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a teoria e estudos realizados em Gestalt terapia e na psicologia Humanista-Existencial;
- Realizar atendimentos conforme os pressupostos da Gestalt e da Humanista-Existencial;
- Promover saúde através de atendimentos na clínica e em plantões;
- Aprender com as experiências dos colegas de estágio;
- Contribuir com a formação dos colegas de estágio;

3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O espaço da clínica é um ambiente onde o indivíduo encontra alento para as aflições do seu dia-a-dia. Nele, este viverá encontros autênticos com terapeutas que lhe farão encarar a si, podendo, assim, visualizar as facetas de sua psiquê que oculta de não apenas para si, mas para os outros. Na clínica, os profissionais e

estudantes da psicologia atendem sem *a priori*, deixando de lado suas experiências pessoais para apreender o sujeito singular e integralmente.

Optei pela clínica por acreditar que esta é uma das bases do funcionamento da psicologia, apesar de sua pluralidade de campos de atuação. Compreendo que o fazer clínico se estende a outras áreas da psicologia e que o atendimento neste espaço além de ser enriquecedor profissionalmente, me permitirá perscrutar a subjetividade dos pacientes, contribuindo com suas respectivas caminhadas para seus objetivos neste espaço.

No que tange a abordagem teórica, optei pela Gestalt terapia, não apenas pela sua visão de homem, mas também pela forma como dialoga com a Fenomenologia e Humanista-Existencial. Na Gestalt, o indivíduo é composto por tudo que viveu até aquele momento e pela realidade que o cerca, de modo que ele não pode ser observado como além ou aquém do mundo; paralelamente, busca-se compreender o fazer deste indivíduo em sua vida, assim como entender sua percepção, contribuindo para a transformação desta, na medida em que lhe traga alguma forma de sofrimento.

No Existencialismo, buscar-se-á compreender a forma como cada indivíduo apreende o mundo, como já citado, mas observando que este movimento acompanha seu fazer no mundo, transformando-o e fazendo-se transformar, de modo que isso construa um sentido para sua vida e conduza-o na vida. No fazer clínico, o estudo destas linhas de pensamento e terapia contribuirão para que eu possa receber cada indivíduo como único, livre de concepções que limitariam minha visão e, conseqüentemente, a psicoterapia.

3.1 DESCRIÇÃO FUNCIONAL DO LOCAL DO ESTÁGIO

O estágio se dá na clínica integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, que objetiva suprir as demandas da comunidade de uma maneira humanizada e acessível, oferecendo serviços da Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Serviço Social. O espaço é voltado para proporcionar aos alunos uma realidade profissional ainda não vivenciada, com suporte de professores e supervisores dessa prática.

A estrutura da clínica é ampla e adaptada a pessoas com necessidades especiais. Esta é dividida de tal forma que cada especialidade tenha suas necessidades supridas. No caso do setor de psicologia, há uma grande recepção

para acolhimento dos clientes, uma sala de atendimento em grupo, cinco salas de atendimento individual, duas salas para atendimento com ludoterapia, uma sala para supervisão, uma sala para consultoria e uma para multiuso. Todas munidas de recursos para utilizarmos. A clínica é coordenada pela Dra. Romeica Cunha Lima Rosado, tendo coordenadoras em cada área específica.

3.2 DESCRIÇÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

A equipe que contribui para o funcionamento do setor de psicologia na clínica integrada do UNI-RN é formada por dois Auxiliares de Serviços Gerais (Marluce Maria da Silva e Jadson Belmonti de Aquino), um porteiro (Francinildo Guilherme Bezerra), três funcionários da recepção (Carla Janaina Marques da Costa, Ivanildo Soares da Silva e Edna Amorim Fernandes) que nos auxiliam quanto à marcação de consultas e verificação de horários disponíveis. Há também uma assistente social (Lindiceia de Araújo Gomes Azevedo) a qual realiza triagens dos nossos pacientes para acordar valores e outras questões. E há a coordenadora geral de psicologia (Geórgia Filomena Martins Saldanha Baeta Neves), responsável em nos dar apoio em eventuais questionamentos quanto ao funcionamento da clínica e pelo quesito burocrático dos atendimentos.

O estágio clínico de psicologia é composto por atendimentos psicoterápicos que contam com a contribuição de todos os funcionários citados acima e pela supervisão desses atendimentos. Está é realizada pela professora Mestre Mariana Cela, e é formada por mim e um grupo de alunos (Dianara Montenegro, Karla Bianca, Rayane Fernandes, Marise Vitória, Rudson Gonçalves e Mônica Andrade). Nos encontros semanais discutimos o aporte teórico na prática e discutimos os casos sendo atendidos, atentando para detalhes dos atendimentos e possibilidades de ações, de modo que cada encontro é único e enriquecedor para todos os envolvidos.

4. ATIVIDADES PROPOSTAS

No transcorrer do período de duração do Estágio Supervisionado e das atividades na clínica, pretendo estudar os conteúdos dados como obrigatórios e complementares no intuito de enriquecer minha base teórica e compreender como lidar com as demandas que surgirão, seguindo o raciocínio e orientações do material. Para enriquecer este item, organizarei, juntamente aos demais estagiários

supervisionados pela professora Mariana Cela, um grupo de estudos onde nos encontraremos, adicionalmente, de uma a duas vezes na semana para debater os conteúdos passados. Comparecer, também, às reuniões semanais junto à professora, com o intuito de aprender com os demais colegas e obter a supervisão referente aos casos que atender na clínica e plantão.

Nas clínicas integradas atuarei em dois campos: clínica e plantão. Na clínica, atenderei a até três pacientes, sendo pelo menos um destes uma criança ou adolescente. Quando no atendimento de crianças, me utilizarei da sala de ludoterapia; nos atendimentos destinados a adultos, usarei uma sala de atendimento individual. Na ocasião dos plantões, atenderei, também na clínica, na quarta-feira, entre as 16h e as 18h. No plantão objetiva-se atender situações emergenciais que surjam no ambiente das clínicas integradas e que exijam um atendimento diretivo ou imediato. No entanto, estes poderão se tornar atendimentos sequenciais caso a pessoa atendida assim deseje e cadastre-se na fila de espera da clínica.

No decorrer dos atendimentos produzirei o material que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso, que poderá ser constituído com base nos encontros realizados na clínica. Na ocasião da conclusão dos atendimentos da clínica, em novembro, o TCC será entregue e defendido diante de uma banca de professores composta pela orientadora, Mariana Cela, outro professor e, talvez, um professor ou profissional convidado.

5. CRONOGRAMA

	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Plano de Estágio	X	X							
Referencial Teórico		X	X	X					
Construção do TCC		X	X	X	X	X	X	X	
Apresentação do TCC									X
Supervisão	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Atendimento	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Plantão Psicológico		X	X	X	X	X	X	X	X

Registro de Sessões	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Grupo de Estudo		X	X	X	X	X	X	X	X

6. BIBLIOGRAFIA

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. 2ª ed., São Paulo: Eldorado, 1973.

PENHA, J. **O que é existencialismo**. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1984.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

RODRIGUES, H. E. **Introdução à Gestalt-terapia**: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica. 7ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2011.